

A Companhia e o seu público

Frutífera tarde, a de ontem, para se acompanhar mais um dos *Encontros da Cerca*, o segundo de um ciclo de quatro que assinala o cinquentenário da Companhia de Teatro de Almada. Subordinado ao tema *'A implantação em Almada: o Festival' (1978-1988)*, José Mário Silva, jornalista e crítico literário, moderou a conversa com os actores Fernando Louro e Luís Vicente.

José Mário Silva começa por destacar a descentralização cultural como um dos veios mais interessantes do percurso da Companhia ao longo dos tempos: a permanente procura de levar o teatro ao encontro de um novo público, um público que não estava habituado a ver teatro, «um não-público», nas palavras de Joaquim Benite. Nos primeiros dez anos da Companhia, houve uma preocupação em mostrar grandes dramaturgos clássicos, Brecht, Edward Albee, Eugene O'Neill, e portugueses como António José da Silva, Gil Vicente, entre outros, pensando-se no entanto no tea-

tro para todos, promovendo-se a divulgação dos espectáculos nas empresas, nos sindicatos.

Fernando Louro lembra o espanto com a chegada da Companhia a Almada, fora do centro cultural da capital: "Qual é a dúvida?", dizia Benite, "não fora o rio, até íamos a pé". Chegados a Almada, em 1977, "foi uma complicação", conta Louro, "porque os actores tinham de fazer tudo". No decurso da conversa, lembrou-se da encenação de *A noite*, a cujos ensaios, José Saramago assistia com grande entusiasmo e sempre disponível para as eventuais alterações que Joaquim Benite necessitasse. Teresa Gafeira e Fernando Louro abordaram a importância de algumas profissões dos actores e da equipa da CTA, e como estas foram relevantes na forma como se fazia produção. Para o teatro, convocava-se todos os saberes.

Luís Vicente, que entrou em 1983 para a Companhia, lembra a diferença deste teatro que não se encerra nos espectáculos, mas em toda uma atitude: "debates com os



José Mário Silva (ao centro) moderou a conversa com Fernando Louro e Luís Vicente, actores da CTA nos anos 80

criadores e o público, à data, não era usual".

Em 1987, com a vinda das primeiras companhias estrangeiras, também "nada aconteceu sem pensamento: os beberetes e as conversas entre actores e público são o resultado de se ter constatado que os espectáculos terminavam e as pessoas iam todas embora", disse Teresa Gafeira, salien-

tando a necessidade sentida "de um espaço de debate, em que toda a gente pudesse debater com toda a gente". O Festival não cresceu, assim, ao "sabor do acaso: Benite enquanto jornalista e crítico de teatro, soube promover contactos internacionais, dentro de uma rede de jornalistas e criadores." Havia um conceito enraizado de teatro que deu frutos. | **Pedro Barros**

A guerra vive no corpo do meu pai

Corpo *suspense*, de Rita Neves (uma criadora de Almada), ajusta contas com a guerra colonial portuguesa. A partir da sua própria experiência enquanto filha de um ex-combatente, a actriz interpela o corpo do seu pai como arquivo de memória desse conflito. A autora revela ter memórias que a acompanham desde a infância, e para as quais não tinha enquadramento. Lembrava-se do seu pai e de outros homens que se encontravam por causa de uma guerra que ela, em criança, desconhecia. Eram homens que

contavam episódios desconexos, alguns sussurrados. Com a recordação desses momentos surgiu a ideia de que os seus corpos transportavam memórias.

"O que ficou da Guerra Colonial no corpo do meu pai? Como poderei pensar e sentir o seu corpo enquanto arquivo? Por que é que o seu corpo parece trazer, por vezes, memórias silenciadas? E, num segundo plano, como é que o meu próprio corpo poderá revelar algumas destas memórias? Percorro em cena, neste momento, esse arquivo de memórias", diz-nos.



Corpo suspense está em cena na Incrível Almadense até amanhã

Virtudes da periferia

O pulso dos povos mede-se na periferia, onde o cidadão médio passa a sua vida quotidiana. O Festival de Almada é o pulso onde podemos medir anualmente os batimentos cardíacos teatrais, a sua cadência pungente ou lenta, e também as suas arritmias, porque se trata de um certame, sem limites, onde cabe o teatro de todos os tempos, nacionalidades e tendências. Através do seu Festival, Almada tem-se destacado no imaginário de acontecimentos teatrais anuais de referência do

contexto europeu. O tamanho da cidade ribeirinha é uma virtude, pois devido à proximidade dos seis espaços teatrais que alberga, o evento é vivido com maior clareza do que em qualquer capital, onde a noção de festa tende a dissolver-se no imenso canal da oferta cultural que os grandes centros urbanos condensam por meio de sua força centrípeta. Almada tem a proporção ideal para que a sua erupção cénica anual seja eloquente, não se disperse em excepções e, mediante uma gestão eficaz, continue



© Luana Santos

O crítico de teatro do *El País* acompanha o Festival desde o ano passado

a dar uma imagem candente do teatro português no conjunto dos festivais europeus. | **Javier Vallejo**, tradução de **Maria Eduarda Vieira**

AGENDA DE AMANHÃ

15:00

O sentido dos Mestres
com **Josef Nadj**
Fórum Romeu Correia

18:00

Conversa com Rita Neves
Esplanada do Festival

20:30

Duas personagens
Teatro-Estúdio António Assunção

20:30

Corpo suspenso
Incrível Almadense

50 ANOS DE PLATEIA

O azul do céu



© Luana Santos

Maria de Lourdes Crispim
9 anos de plateia

Gostei de teatro desde jovem. Esta presença deveria ter sido mais assídua se circunstâncias da vida pessoal e profissional não tivessem interferido tão imperativamente nessa assiduidade. Sempre por motivos diferentes, mas que se revelavam imperiosos no momento em que ocorriam, adiavam (leia-se, cancelavam) as intenções de assistir à peça X ou Y...

Nos últimos anos, finalmente, foi possível alguma frequência mais assídua de salas de espetáculo, entre as quais as salas do "Teatro Azul". Assisti ao nascimento deste

edifício. Sempre me interroguei sobre a sua localização num espaço tão reduzido e entre habitações tão modestas. Durante algum tempo, inquietou-me a ignorância da cor que viria cobrir aquela enorme parede. Finalmente a cor "azul céu" tranquilizou-me. Não agredia ninguém.

Quando, por fim, comecei a assistir, com alguma regularidade, às iniciativas da CTA – apresentação de programas, conversas com atores e autores, anúncios de apoios, colaborações e parcerias com outros grupos culturais – vivi momentos felizes.

"Não tenham medo, não vou propor um trabalho sobre a Dança."

Foi assim que começou o primeiro dia do seminário com Josef Nadj. Baixamos naturalmente a guarda e aliviamos um pouco uma certa tensão que possamos ter depois de ter visto o seu espetáculo *Omma*.

Diz-nos que no dia a seguir a ter estreado este espetáculo começou a trabalhar no seu próximo projecto, que será construído a partir da palavra. A palavra, talvez não língua, não poderemos saber. A linguagem tem sido uma questão central nos seus espetáculos, talvez em todos, talvez fazer Teatro seja

trabalhar sobre a linguagem. Uma coisa parece certa, não se faz um espetáculo sem uma visão total do Universo. Há uma Cosmogonia que parece atravessar toda esta primeira sessão.

O Teatro é uma visão do mundo e essa visão do mundo implica uma construção de leis de funcionamento próprias, eu acrescentaria éticas, se aceitarmos o Teatro enquanto espaço de diálogo. Há questões fundamentais que atravessam o diálogo deste primeiro dia de seminário, a morte (também uma margem desconhecida – "sabemos



© Marlene Bace lar

Josef Nadj está até Quarta-feira em Almada

muito mais sobre o nascimento do que sobre a morte"), qual é a essência do teatro? Essa questão que é vital e ao mesmo tempo paradoxal, uma vez que pode existir apenas enquanto questão em si mesma e talvez a resposta mais justa seja o próprio silêncio. | **Pedro Fiúza**

Neptuno e a Virgem

Se o primeiro Encontro da Cerca decorreu sob o olhar da estátua de Neptuno que pontifica no jardim da Casa da Cerca, ontem à tarde conversou-se sobre os 50 anos da Companhia de Teatro de Almada junto a uma discreta figura de Virgem Maria, no Seminário de São Paulo (vide foto na página anterior). À margem da conversa houve quem cobrisse o espaço rodeado pelos claustros onde decorreu o encontro, como um belo sítio para se fazer espetáculos: "Isto dava um *Palais des Papes* bem catita...", suspirou-se.